

■ **Mário H. Simonsen**

Hoje, os fluxos de capitais saem do Brasil para o exterior num movimento recorde



A economia está fundamentalmente morna. Não há sintomas de que a recessão esteja se aprofundando, mas nada indica uma nova fase de crescimento, do ponto de vista conjuntural, e muito menos do ponto de vista estrutural. Não se vê ninguém investindo. As empresas não estão tomando decisões de investimento, a não ser investimentos periféricos que envolvem decisões genéricas como a substituição de equipamentos.

Hoje, os fluxos de capitais se passam do Brasil para o exterior, e não do exterior para o Brasil. No ano passado, os investimentos oficiais brasileiros no exterior registrados pelo Banco Central — sem considerar os do mercado paralelo — foram bem superiores aos que aqui ingressaram. Houve recorde nas remessas de lucros. Isso torna claro que o Brasil está com um fluxo altamente negativo com os agentes de crédito oficiais: o Banco Mundial, o Clube de Paris, o BID etc..

De onde viria o dinheiro para novos investimentos? Do governo? É difícil, pois o orçamento do governo lhe permite muito pouco. Não há recursos sequer para manter a malha ferroviária federal, nem para telecomunicações ou energia elétrica. Pode-se argumentar que isso não é necessário no momento, porque a economia não está crescendo. Mas esse é um argumento meio triste.

Fala-se da abertura dos cofres para conquistar o apoio político dos governadores. É importante, porém, verificar o que isso significa em termos numéricos. Até agora, o governo tem acenado com gestos de muito boa vontade para alguns governadores, mas com números bastante avarentos. De alguma forma, o governo vai dar o que estava previsto no orçamento. O grande problema é que, se tiver algum déficit orçamentário ex-

pressivo, o governo terá muita dificuldade em se financiar.

O grande problema dos dois planos Collor, principalmente do primeiro, é que passou a ser muito reduzida a capacidade de o governo se financiar na emergência de um déficit. Ele tem muita dificuldade para colocar títulos da dívida pública. Diante das pressões políticas para que aumente suas despesas, ou o governo cede e passa a ter os ônus políticos de inflação muito acelerada, ou resiste às pressões e administra o caixa da maneira mais parcimoniosa possível, correndo o risco de perder o apoio dos autores das pressões.

Essa é uma situação para a qual o governo não conseguiu gerar solução. A solução seria o governo recuperar a capacidade de se financiar. Mas como? O fluxo de poupanças externas é desfavorável. Quanto aos títulos públicos, vemos a dificuldade do governo para colocá-los no dia-a-dia. Via impostos? As alíquotas tributárias já estão extremamente elevadas. O governo pode criar impostos sobre o patrimônio ou uma faixa mais alta do progressivo para a pessoa física, mas não conseguirá gerar receita de grande importância. O ideal seria fazer um grande programa para melhorar a arrecadação dos tributos, pois os índices de evasão tributária hoje são incrivelmente maiores do que há 10 anos. Mas, até agora, nada de significativo foi feito nesse sentido.

Existe, na verdade, um quadro econômico fundamentalmente morno. E não há teoria capaz de antecipar até que ponto se pode esticar a corda. Ninguém sabe qual é a elasticidade da corda econômica. Será que é uma coisa boa administrar a economia com as cordas esticadas? O certo é que há vários canais intermediários entre o apocalipse e o paraíso.